



Fundado no Sesquicentenário da
Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL

Ano 2003 Bicentenário do Duque de Caxias Nr 15

Informação: Os artigos a seguir são de autoria do Coronel Cláudio Moreira Bento, presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS), ampliados da edição histórica do Diário Popular de Pelotas de 20 de setembro de 1985 e de seu livro O Exército Farrapo e seus chefes (Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1992.2v), disponíveis no site www.resenet.com.br/users/ahimtb e em "História" na Revista Eletrônica de História Militar Terrestre do Brasil no site www.militar.com.br. Estão também disponíveis no Portal Agulhas Negras em Resende, RJ em www.resenet.com.br

Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Vice-Presidente do IHTRGS e da AHIMTB

GENERAL DAVID MARTINS CANABARRO (1796-1867)

Significação histórica



A excelente mini-série *A Casa das sete mulheres*, tem levado ao conhecimento geral, num misto de História e de muita Fantasia a História da República Rio-Grandense, 1835/45, que se constituiu na única experiência republicana brasileira antes dela ser proclamada. República que influenciou no Marechal Deodoro da Fonseca, o proclamador da República em 15 de novembro de 1889, quando o mesmo presidiu a Província do Rio Grande do Sul durante a Questão Militar, através da pregação dos líderes Júlio de Castilhos e de Assis Brasil à ele, conforme o mesmo registrou.

A Assis Brasil se deve a primeira abordagem da República Rio Grandense do ponto de vista dos que a promoveram, numa historiografia até então dominada pelas abordagens de cunho monarquista .

Em que pese o sucesso da mini-série, por nós já reconhecido em artigo pela Internet e no informativo O Guararapes 36, a “A Casa das sete mulheres” satanizou cruelmente as personagens Marechal Bento Manoel Ribeiro e agora o Brigadeiro David Canabarro, heróis militares surgidos do seio do povo e aos quais estão muito a dever as atuais e futuras gerações de brasileiros, conscientes da identidade e perspectiva históricas do Brasil, por suas contribuições à consolidação da nossa Unidade, Soberania e Integridade do Brasil. E assim, por consequência, eles são cultuados, sendo lembradas as preciosas lições que legaram à posteridade de um Brasil que não pode ser tratado por seus filhos como uma nau sem rumo, à deriva numa tempestade, não sabendo de onde veio, onde está e para onde vai!

A seguir, abordamos a real projeção na História do Brasil do Brigadeiro David Canabarro, para que ela não seja tomada como real, na Fantasia e notável produção da mini-série da Globo, que não lhe faz justiça histórica e da qual se espera ao final a clássica retificação:

“Qualquer semelhança com o personagem da mini-série, General David Canabarro, como herói da História no Brasil não tem amparo na verdade histórica e se constitui em mera fantasia para compor o enredo.”

Significação histórica de Canabarro

Prestou assinalados serviços militares, de soldado de Milícias a brigadeiro do Exército Imperial, à Integridade e Soberania de Portugal e depois do Brasil, no Sul, nas guerras de 1811-12, pacificadora da Banda Oriental; de 1816 e 1821, contra Artigas; guerra da Cisplatina, 1825-28; guerra contra Oribe e Rosas, 1851-52; guerra contra Aguirre, 1864 e no início da guerra do Paraguai, 1865-67, contra a invasão paraguaia do Rio Grande do Sul e na mobilização do 3º Corpo de Exército pelo General Osório.

Na República Rio-Grandense, à qual aderiu depois de proclamada, ascendeu por seus méritos e valor militar notável, de tenente-coronel comandante de brigada, ao posto de general da República e Comandante-em-Chefe de seu Exército na fase final, até a pacificação em D. Pedrito atual em 1º de março de 1845. Paz que aceitou, sopitando seu ideal republicano face ao sentimento maior de brasilidade, que tantas vezes comprovava no campo de batalha de 1811 a 28 e que seria reafirmado em 1851-52 e 1864-67, ideal exacerbado com a hipótese de interferência de Rosas, da Argentina, nas divergências entre brasileiros em 1845.

Ficaram célebres palavras a ele atribuídas, de resposta a emissário enviado pelo ditador D. Manuel Rosas, no sentido de auxiliá-lo no combate aos imperiais:

“**Diga a seu chefe que assinaremos a paz com o Império com o sangue do primeiro invasor estrangeiro que atravessar a fronteira. Pois antes de tudo somos brasileiros.**”

Ao morrer, pesavam sob sua memória falsas acusações de traição da Revolução, em Porongos, e incompetência, ou falta de cumprimento do dever como comandante da Fronteira do rio Uruguai. Isto, por não impedir que a coluna invasora paraguaia penetrasse no Brasil por São Borja e ocupasse Uruguiana. Assim, em ambos os casos, teria ele sido bode expiatório de duas bombas que estouraram em suas mãos, dada a simplicidade e rusticidade de sua vida, não preparada para travar batalhas de alfinetes e sim batalhas reais.

Mas a História, como instrumento de verdade e justiça mostrou sua inocência e sua real imagem, como pode ser acompanhada no livro **David Canabarro, de tenente a general**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992, do grande historiador santanense Ivo Caggiani, que foi o primeiro sócio correspondente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e que nós considerávamos o maior historiador residente na imensa fronteira brasileira e o maior que Santana já possuiu.

A primeira bomba foi a de terminar a revolução como Comandante-em-Chefe e firmar com Caxias a paz em D. Pedrito, feita com o apoio de Bento Gonçalves em carta que lhe enviou onde, a certa altura mencionava:

“Tendo emitido minha opinião, resta-me repetir-vos que a paz é absolutamente necessária, que os meios de prosseguir na guerra se escasseiam, o espírito público está contra qualquer idéia que tende a prolongar seus sofrimentos, classificando de guerra caprichosa a continuação da atual.

Uma conciliação é sempre preferível aos azares de uma derrota; a história antiga e a moderna nos fornecem mil exemplos que não devemos desprezar.

Compenetrai-vos desta verdade e evitai quando puderdes os funestos sucessos que vão aparecer se prevaleceram as bravatas contra os conselhos da sã razão. Lembrai-vos que muitos que os propalam vos abandonarão no momento do perigo.”

A segunda, foi ao fazer frente à invasão paraguaia do despreparado Rio Grande, em 1865, com tropas milicianas improvisadas e mal armadas. Acusação injusta, pois ele adotou estratégia de que era mestre consumado: a guerra “à gaúcha”, deixando o inimigo se desgastar no terreno como se fora um pneu, e distanciar-se de sua base logística.

Guerra à gaúcha iniciada contra os espanhóis, depois de invadirem o Rio Grande e nele permanecerem em posições estratégicas por 13 anos, seguindo orientação do Rio de Janeiro:

“A guerra contra o invasor será feita em pequenas patrulhas localizadas nas matas e nos passos dos rios e arroios. Destes locais sairão ao encontro dos invasores para os surpreender, causar-lhes baixas, arruinar-lhes gados, cavalhadas e suprimentos e ainda trazer-lhes em constante inquietação.”

Mas, ao excepcional valor militar de Canabarro deve o Brasil e a família Brasileira significativa parte de sua pacificação em condições honrosas em D. Pedrito atual. Não fora sua destacada ação militar como Comandante-em-Chefe da República Rio-Grandense, no período em que o Barão de Caxias comandou o Exército e presidiu o Rio Grande do Sul, a Corte não teria se convencido de aprovar a paz nas condições em que foram celebradas, pois teriam predominado algumas disposições acentuadamente revanchistas. Para constatar isto basta verificar os Ofícios de Caxias, 1842-45, os quais revelam algumas de suas perplexidades com o excepcional tino militar guerrilheiro de Canabarro. Daí surgiu uma admiração militar recíproca que, concluída a Paz, se transformou em amizade e respeito.

Origem, guerreiro nato

Nosso herói nasceu em 22 de agosto de 1796, em Pinheiros, próximo à Taquari, povoação que se originara, durante a guerra de 1764-76, de uma povoação sob proteção do Forte do Tebiquari, levantado então e destinado a barrar, naquele ponto, a direção estratégica Rio-Pardo, Taquari, Porto Alegre.

Descendia de imigrantes açorianos da ilha Terceira. Passou a assinar Canabarro depois de desmobilizado da Guerra da Cisplatina. Nome adotado de seu tio e sócio em pecuária, Antônio Ferreira. Canabarro casou formalmente duas vezes no âmbito familiar. A primeira vez com uma tia mais velha, para que amparasse sua única filha e natural perfilhada Maria Angélica, nascida em 1834, e a 2ª vez com sua cunhada viúva, poucos dias antes de morrer e com vistas a preservar na família o patrimônio acumulado. Sua vida em realidade foi de homem solteiro com ligações amorosas alternadas, sem ser o galã e conquistador que se procura deduzir da obra **Os amores de David Canabarro**. Porto Alegre: Globo, 1933.

Atuação militar, 1811-28

Canabarro, cedendo à vocação das armas, com 17 anos incompletos alistou-se em um Regimento das Milícias de Rio Pardo e participou do Exército Pacificador de D. Diogo de Souza que fez a Campanha de 1811-12, onde foi promovido a cabo. Nas guerras contra Artigas em 1816 e 1820 continuou a se destacar como guerreiro de Cavalaria, como nos entreveros de Catalan.

Na Guerra da Cisplatina, 1825-28, conquistou seus galões de tenente no combate de Rincón das Galinhas, de 24 de setembro de 1825.

Na Batalha do Passo do Rosário integrou o 4º Regimento de Cavalaria da 2ª Linha, que fez parte da 2ª Brigada de Cavalaria da 2ª Divisão de Infantaria.

Esta, ao comando do Marechal Sebastião Barreto. Isto talvez explique a sua não participação da Revolução Farroupilha em seu início e que teve como objetivo derrubar seu comandante de Divisão. Sabe-se que não se relacionava bem com Bento Manuel Ribeiro.

Finda a guerra, em 1831 fixou-se com estância em São Gregório, próximo a Santana atual junto à fronteira do Quaraí, para dedicar-se à pecuária.

Canabarro manteve-se neutro na revolução, sendo por isto ameaçado por um representante de Bento Manoel. Ao passar Bento Manoel para o lado imperial, Canabarro decidiu lutar pela revolução sob o argumento: **“Antes que me matem com um cevado (porco), prefiro morrer em campo aberto de armas na mão.”**

Canabarro juntou-se à gente do alegretense Tenente Coronel Jacinto Guedes que se tornou legendário por sua bravura e intrepidez e pelo lema que incutiu em seus soldados, que traziam inscritos em seus chapéus:

“ Sou do Guedes; morro seco e não me entrego! “

Ficou também sob o comando do Coronel José Antônio da Silveira, grande figura humana, símbolo da prudência e mais tarde general farroupilha.

Ao ser organizado o Exército da República Rio-Grandense em 8 de novembro de 1836, em Piratini, pelo 1º General farrapo João Manoel da Lima e Silva (tio do Duque de Caxias), Canabarro foi promovido a tenente-coronel e passou a integrar a 4ª Brigada, comandada pelo citado Coronel João Antônio e constituído dos:

3º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de Missões. Comandante Ten Cel Jacinto Guedes.

4º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de Missões. Comandante Ten Cel David Canabarro.

Traços do perfil militar de Canabarro

O Monsenhor Pinto de Campos, biógrafo de Caxias e contemporâneo de Canabarro, sobre ele escreveu:

“Havia incontestavelmente neste homem talento militar, auxiliado por muita energia, decisão e concepção variada e vasta. Era um Proteu, revestindo-se de mil formas e imaginando constante e sucessivamente novos ardis.” **2**

Sobre Canabarro escreveu Caldeira, o cronista farrapo que o conheceu e à sua justa fama:

“Canabarro foi o general mais severo da revolução. Mantinha ordem e boa disciplina nas forças que comandava. Era um general arrojado. Marchava com denodo na frente de Caxias, sem que este general conseguisse batê-lo em campo raso. Canabarro era um homem alto e cheio de corpo. Não era ilustrado (culto) porém era muito perspicaz, enérgico e muito audaz. Era muito respeitado. O inimigo sempre o considerava como bom guerreiro. Ele possuía a melhor gente da fronteira consigo.” **3**

Caldeira, em outro depoimento, acrescentando sobre Canabarro, depois de dizer que ele servira na Guerra Cisplatina, onde fizera proezas na retaguarda de nosso Exército em retirada para o passo São Lourenço, no Jacuí, depois de Passo do Rosário, prosseguiu:

“Era homem de um caráter muito severo. Era valente a toda prova e muito perspicaz. Durante a revolução nunca foi derrotado. Somente em Porongos perdeu parte de tropa que comandava. Quando Caxias estava em seu encalço ele mais severo se tornou. E chegava a dizer aos oficiais faltosos, caso repetissem outras faltas, que dava duas alternativas, prisão ou liberdade de desertar para Caxias e apontava para o acampamento imperial. Era homem de poucas palavras e positivo. A sua vontade era de ferro. Depois da pacificação foi o primeiro homem da Fronteira do Quaraí. Dizia que não era homem do primeiro informe (versão) e que era preciso ouvir as partes. Ele falava português pelo dicionário Rio-Grandense ou seja, o linguajar gauchesco típico da época.” **4**

Segundo Alfredo Varela, “Canabarro era de constituição robusta, de estatura avantajada, grosso de corpo e de feições carregadas.”**5**e para Garibaldi, “Canabarro era rude na aparência, mas de excelente coração”. **6**

Era um mestre na guerra de guerrilhas das coxilhas. Fugia ao combate decisivo e fazia a guerra de recursos, a Guerra à gaúcha, consistente em fatigar o inimigo ao danificar-lhe o equipamento, arruinar suas cavalhadas e mantê-lo sob a tensão de uma surpresa.

Antônio Vicente da Fontoura, que liderou a reação contra Bento Gonçalves a partir de 1841, culpando-o por inúmeros insucessos militares e que ao final teve papel importante na Paz de D. Pedrito, assim referiu-se ao comportamento de Canabarro como comandante do II Corpo de Exército:

“Canabarro era laborioso, ativo e enérgico, prevendo as marchas e os planos do inimigo e suprindo a nudez e provação do soldado. Em marcha, já em um e outro flanco, já na retaguarda e logo na frente, fazendo conservar a ordem dos esquadrões e a regularidade das colunas, infundindo ao soldado, enregelado de frio, um novo brio, uma audácia, mesmo contra o rigor da estação.”⁷ Possuía rusticidade (endurance) invulgar que infundia à sua tropa, e ainda grande capacidade de manobrar e fazer amplos deslocamentos.

Os combates de Taquari, de 3 de maio de 1840, de São José do Norte de 15 de julho de 1840 e os de setembro a 23 de novembro de 1840, foram insucessos atribuídos a Bento Gonçalves pela oposição. Por outro lado, as vitoriosas operações contra o General Pedro Labatut na região de Cima da Serra, comandadas por Canabarro, lhe valeram grande prestígio como general farrapo.

A este tempo, os republicanos lutavam sem Infantaria e com bom suporte logístico. Bento Gonçalves não os possuía suficientes; isto era agravado pelo efetivo da tropa de 1ª Linha reduzido a 1/3 e a situação logística péssima em razão do grande endividamento interno e externo da República.

O prestígio de Canabarro foi crescendo até colocar sombra em Bento Gonçalves e mais tarde em Netto. Neste, pelo mesmo não ter interferido na marcha de Caxias de Rio Grande até Passo de Lourenço levando 5.000 cavalos.

Principais feitos de Canabarro

Canabarro, numa atividade incrível percorreu o Rio Grande, do qual tinha o mapa na cabeça, em todos os sentidos. Dentre seus maiores feitos amplamente abordados em histórias do decênio, registro:

Prisão em Herval em 17 de dezembro de 1836, de surpresa, do Coronel João Silva Tavares, um dos mais destacados chefes imperiais.⁸ Em 1838, restabeleceu o sítio de Porto Alegre.

Comandou expedição a Laguna, em julho de 1839 levando o Coronel Joaquim Teixeira Nunes e seus célebres Corpo de Lanceiros Negros para a conquista de um porto de mar, do que resultou a proclamação da efêmera República Juliana e sua aclamação como general.

Paz de D. Pedrito

Canabarro ao assumir o Comando-em-Chefe do Exército da República em agosto de 1843, em que pesassem dificuldades de toda a ordem, manteve sua tropa em movimentação e atividade constantes, através da guerra de guerrilhas e por cerca de 16 meses. Teve 21 encontros com os imperiais. Canabarro lutou como só haviam feito os republicanos em 1836 e 1837. Foi mais de um combate por mês, segundo estatística de Morivalde Calvet Fagundes.⁹

Caxias o perseguiu por 38 léguas, através de toda a fronteira sudoeste, sem conseguir um encontro com Canabarro, que tentava repetir a tática vitoriosa contra o General Manoel Jorge, em 1841, a guerra à gaúcha, que abordamos na Revista do CIPEL de 1996.

Em 13 de novembro de 1844, Canabarro foi surpreendido em Porongos, por Chico Pedro. Esta surpresa foi por longo tempo discutida pelos farrapos. "Fomos ou não traídos em Porongos?" Surpresa que não foi mais completa graças a reação do Cel Teixeira Nunes e do seus lanceiros negros que ali apresentaram uma resistência a todo o custo, salvando da derrota a honra da moribunda República. Em defesa de Canabarro tem saído entre outros Eugênio Vilhena de Moraes, o biógrafo de Caxias, Alfredo Ferreira Rodrigues e outros.

David Canabarro, o último Comandante-em-Chefe do Exército Farrapo recusou o apoio de Rosas da Argentina para continuar a luta. Sopitando seu ideal de República face ao perigo de intervenção estrangeira, segundo a tradição, teria respondido ao emissário de Rosas à proposta de

apoio estrangeiro de que “com o sangue do primeiro estrangeiro que atravessar a fronteira celebraremos a paz com Império. Acima de nosso sentimento republicano está o de brasilidade”.

Alguns tem se apoiado em instruções que teriam sido dadas pelo Barão de Caxias a Chico Pedro nas quais Canabarro teria sido conivente com o ataque de Porongos. É uma agressão injusta contra Caxias, Canabarro e Chico Pedro.

Até hoje não foi aprovada a autenticidade do documento, em realidade um documento forjado. **10** É incluído, por dedução, nas injustas suspeitas, o Coronel Lucas de Oliveira.

Acertada a pacificação, Canabarro, em 28 de fevereiro de 1845, assinava e fazia divulgar esta proclamação ao Exército da República;**11**ei-la:

"Concidadãos! Competentemente autorizado pelo Magistrado Civil a quem obedecíamos e na qualidade de Comandante-em-Chefe, concordando com a unânime vontade de todos os oficiais da força de meu Comando, vos declaro que a guerra civil que há mais de nove anos devastava este país está acabada. A cadeia dos sucessos por que passam todas as revoluções tem transviado o fim político a que nos dirigimos, e hoje a continuação de uma guerra tal, seria o ultimatum da destruição e do aniquilamento de nossa terra. Um poder estranho ameaça a integridade do Império; e tão estólida ousadia jamais deixaria de ecoar em nossos corações brasileiros. O Rio Grande não será teatro de suas iniquidades; nós partilharemos a glória de sacrificar os ressentimentos criados no furor dos partidos, ao bem geral do Brasil.

Concidadãos! Ao desprender-me do grau que me havia confiado o poder que dirigia a revolução, cumpre assegurar-vos que podeis volver tranquilos ao seio de vossas famílias. Vossa segurança individual e de propriedade está garantida pela palavra sagrada do Monarca, e o apreço de vossas virtudes confiado ao seu magnânimo coração. União, fraternidade, respeito às Leis e eterna gratidão ao ínclito Presidente da Província, o Ilmo. e Exmo. Sr. Barão de Caxias, pelos afanosos esforços que há feito na pacificação da Província.

Campo em Ponche Verde, 28 de fevereiro de 1845.

Ass: David Canabarro

No dia seguinte o Barão de Caxias, em seu acampamento em D.Pedrito, na margem direita do rio Santa Maria, 1º de março de 1845, difundiu proclamação que representava, além da Paz da Revolução Farroupilha, a pacificação da Família Brasileira, atingida pelas revoluções liberais que ameaçaram incendiar o Brasil de Norte a Sul durante 14 longos e sofridos anos de lutas fratricidas.

Da proclamação de Caxias retiro estas sentenças:

"Uma só vontade nos una, Rio-Grandenses. Maldição eterna a quem ousar recordar-se das nossas dissensões. União e Tranquilidade seja de hoje em diante nossa Divisa."**12**

Preciosa lição da História, não respeitada pelos vencidos na Luta Armada urbana e rural levada a efeito no Brasil, em decorrência da Revolução Democrática de 1964.

Trechos das proclamações de Canabarro e Caxias, fiadores da paz de D .Pedrito em termos honrosos, estão gravados em bronze, juntas e em destaque, no hall da entrada principal do Clube Militar do Rio de Janeiro, para reflexão e admiração de todos quanto pela primeira vez por ali adentram o Clube.

Em que pesem os grandes prejuízos causados pela Revolução Farroupilha, não se pode deixar de reconhecer que ela foi um laboratório para as guerras externas de 1851-52 e 1865-70 e que formou excelentes chefes e soldados da Cavalaria mais famosa da América, a Rio-Grandense, fato exaltado por Garibaldi em suas **Memórias**, que Caxias sempre reconheceu e escreveu, a propósito da morte do General Andrade Neves.

Face à ameaça de um valor maior, a Integridade e a Soberania nacionais, calou no coração dos rio-grandenses o ideal de República, adiado por 44 anos.

Novamente em defesa da Soberania e Integridade

Por ocasião da guerra contra Oribe e Rosas, Davi Canabarro foi nomeado coronel comandante da Guarda Nacional de Alegrete e Uruguaiana. Lá, deu todo apoio ao Marquês de Caxias e ao

agora seu Ajudante General do Exército, o Coronel José Mariano de Mattos, ex-ministro farrapo, bem como ao Chefe do Estado-Maior de Caxias e Ministro da Guerra do Império em 1864, o Coronel Miguel Frias, que fora líder de um movimento revolucionário no Rio e que depois assessorou Caxias como Ajudante-General na Pacificação do Rio Grande de 1842-45. Canabarro recebeu o comando da 4ª Divisão, ou Divisão Ligeira, integrada pelas seguintes brigadas: **13**

13ª Brigada - comandante Coronel GN Demétrio Ribeiro, antigo companheiro de Bento Manuel, que efetuou a prisão do Presidente da Província Brigadeiro Antero de Brito em Itapevi e que depois do combate de Ponche Verde voltou a lutar pelo Império. Era constituída de guardas nacionais alegretenses e gabrielenses (2 corpos).

Da data de 18 de novembro de 1866, em que Caxias assumiu o comando do Exército Brasileiro, até a morte de Canabarro, decorreram cerca de 4 meses. Neste ínterim, Canabarro teve a alegria do reconhecimento nacional, traduzido por Caxias, a quem conhecia e reconhecia competência militar, ao restaurar-lhe no comando da Fronteira e permitir-lhe prestar à defesa da Integridade do Brasil, o concurso de seu prestígio, na mobilização do 3º Corpo de Exército, em auxílio a Osório, que levou o citado Corpo para o Teatro da Guerra.

Sofreu bastante, por longos anos, o intrépido campeão as injustiças de traição, em Porongos e de incompetência e inércia, quando da invasão do Rio Grande do Sul pelos paraguaios. E mais, a imerecida pecha de conquistador. Acusações de que foi inocentado por Alfredo Rodrigues, Danton Garrastazú Teixeira e Morivalde Calvet Fagundes. **15**

Os **Anais do Arquivo Histórico do RS, 8v**, fornecem interessantes informações sobre a atuação de Canabarro. Ele esteve presente com sua Cavalaria na rendição dos paraguaios em Uruguaiana, aos 68 anos.

A morte do herói

Depois, retirou-se para a sua estância de São Gregório em Santana. E nesta, em 25 de março, foi ferido num pé quando executava, numa mangueira, uma atividade campeira. Pequeno ferimento que evoluiu para um grave infecção que terminou por matá-lo. Um jornal do Rio de Janeiro assim noticiou sua morte:

"Tendo sido um notável caudilho da revolução por que passou esta Província, na qual adquiriu a reputação de bravo e habilidoso para a guerra, desceu ao túmulo, acompanhado de graves acusações que a história um dia decifrará se foram merecidas ou injustas."

História é verdade e justiça e ela provou que as acusações a este bravo e autêntico herói militar e filho adotivo de Santana foram injustas e diria covardes!

PS : Os números no texto se referem a notas ao texto no original na nossa obra **O Exército farrapo e os seus chefes**.

CORONEL JOAQUIM TEIXEIRA NUNES (1801-1844) O maior lanceiro farrapo



A mini-série A Casa das sete mulheres está focalizando a malograda tentativa dos farrapos em Laguna, SC, de ali estabelecerem a República Juliana e nela um porto de mar para uso próprio.

A personagem principal deste episódio foi o Coronel Teixeira Nunes, no comando seu célebre Corpo de Lanceiros Negros Farrapos, Corpo cuja existência não vinha sendo ressaltada pela historiografia, bem como a do seu líder, o Cel Teixeira Nunes, a maior lança farrapa, segundo o General Tasso Fragoso. Teixeira Nunes era praticante das virtudes de Firmeza e Doçura, inscritas no brasão da República Rio-Grandense, sob a forma de dois amores perfeitos e assim traduzidos: Firmeza ao combater com toda a garra e valor visando a vitória. Doçura, depois de vencido o combate, respeitar como religião, do prisioneiro inerme, a sua vida, honra, família e patrimônio.

Teixeira Nunes foi vítima fatal no último combate farroupilha antes da Paz, depois de haver salvo em Porongos, com os seus Lanceiros Negros, a República de um colapso total.

Garibaldi, que foi seu comandado em Laguna e na retirada para o Rio Grande do Sul, lembrou mais tarde na Itália o seu grande valor como um dos mais assinalados guerreiros farrapos e também como o Bravo dos bravos.

Significação histórica

Prestou distintos serviços militares à Independência e Soberania do Brasil na Guerra da Cisplatina, 1825-28, como alferes de um Regimento de Cavalaria das Missões. Participou da Batalha de Passo do Rosário, em 20 de fevereiro de 1827 e teve papel destacado ainda nesta guerra, contra uma incursão profunda inimiga que penetrou até o rio Camaquã, a partir do rio Jaguarão.

Na Revolução Farroupilha foi um dos mais constantes, intrépidos e denodados líderes de combate. Brilhou em diversas ações, ao ponto de ser classificado por Assis Brasil **"como o maior herói da Revolução"** e pelo General Tasso Fragoso como **"a maior lança farrapa"**. Participou com destaque do combate de Rio Pardo em 1838, e da expedição a Laguna em 1839, na liderança do célebre 1º Corpo de Lanceiros Negros, constituído de escravos libertos.

Seu maior feito estratégico foi derrotar, em Santa Vitória (Bom Jesus) a Divisão Paulista ou da Serra, enviada de São Paulo para lutar contra a Revolução. Isto quando, em companhia de Garibaldi, Rosseti e Anita Garibaldi, retornava da malograda expedição a Laguna, 1839.

A Teixeira Nunes coube, em 26 de novembro de 1844, a última reação armada da República Rio-Grandense, que custou-lhe a vida, após memorável e comovente reação junto com seus lanceiros negros na surpresa de Porongos, doze dias antes.

Sua importância na Revolução Farroupilha pode ser medida pela lembrança de Garibaldi a seu respeito, este já herói da unificação da Itália, nestas palavras, em carta a Domingos José de Almeida.

"Eu vi batalhas mais disputadas, mas nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes, nem lanceiros mais brilhantes que os da Cavalaria Rio-Grandense...Onde estão estes belicosos filhos do Continente, tão majestosamente intrépidos nos combates? Onde estão Bento Gonçalves, Netto, Canabarro, Teixeira Nunes e tantos outros."



Pintura de um lanceiro negro farrapo, existente em um museu de Bologna, Itália, da tropa de Teixeira Nunes, que participou da expedição a Laguna e que de lá retornou por terra junto com Garibaldi e Anita.

Naturalidade, ascendência e perfil militar

Teixeira Nunes nasceu em 1802 na costa do rio Camaquã, no então Curato de Canguçu e filho dos primeiros povoadores de Canguçu. ¹

Sobre seu perfil militar, escreveu seu conterrâneo Caldeira, que foi seu porta-estandarte no combate do Rio Pardo em 1838 e que, em Canguçu, prestou a historiadores gaúchos os mais importantes depoimentos sobre perfis militares dos líderes farrapos, os únicos que se dispõem publicados. ²

“Teixeira Nunes foi um dos oficiais de maior nomeada que possuiu a Revolução Farroupilha. Era uma lança das primeiras.

Com o Corpo de Lanceiros Negros a seu mando, alongava do exército, para operar com seus próprios meios, em qualquer parte que o inimigo aparecesse. Era o terror dos seus inimigos. Onde carregava o Corpo de Lanceiros Negros ao seu comando surgia a vitória. Teixeira era humano. Durante a peleja matava por ser contingência da luta, e depois da vitória não morria um só prisioneiro. Era um oficial que sabia fazer a guerra de recursos (a guerra à gaúcha, de guerrilha). Esbelto e galhardo, apresentava-se à frente de seu corpo na ocasião do combate.

Oficial que manejava a lança com invulgar destreza, de estatura mais alta do que baixa, montando garbosamente seu cavalo, sobranceiro, seria capaz de dominar qualquer inimigo. Sua voz de comandante feria os ouvidos. Possuía invulgar espírito militar.

Em novembro de 1836, Teixeira Nunes era major do Corpo de Lanceiros Negros (corpo formado por pretos escravos ou libertos), a esse tempo comandados pelo Tenente Coronel Joaquim Pedro Soares. No dia 6 desse mês, feita a eleição para Presidente da República, realizou-se na igreja de Piratini um Te Deum. E quando as autoridades de novel Estado Rio-Grandense e a massa popular em cortejo solene se dirigiam para templo, ia à frente deles e pela primeira vez desdobrado à luz do céu, o pavilhão tricolor, o símbolo da República Rio-Grandense. E quem o conduzia, fremente de emoção e entusiasmo, ufano da glória de ser o primeiro a carregar a bandeira gaúcha, é o major de lanceiros Joaquim Teixeira Nunes.

Dentro de pouco tempo seria ele o comandante dos lanceiros negros. E à frente desta força praticaria façanhas sem conta, intervindo em inúmeros combates, até ornar os punhos com galões de coronel.”

Teixeira Nunes, por seu raro valor como líder de combate, rusticidade e habilidade em conduzir operações de guerra prolongada, vivendo de poucos recursos locais e mais a legenda de combatente humano e generoso que se criou em torno de seu nome, seria tratado pelo título honroso de **O Bravo dos bravos**.

Expedição a Laguna – SC

Ele foi um dos mais constantes combatentes farroupilhas. Sua consagração como soldado adveio da expedição que realizou por terra a Laguna-SC, coadjuvado por Garibaldi por água, resultando a Proclamação da República Juliana. Esta, em sinal de reconhecimento, o promoveu a coronel e fez do Capitão Garibaldi o comandante de sua Esquadilha Naval.

Ao apossar-se, sem reação, de Laguna, em virtude de retraimento do comandante daquela praça, além dos navios de guerra auxiliou Garibaldi e John Griggs a aprisionar ou colocar fora de combate. Reforçou consideravelmente sua logística, ao cair em seu poder 14 barcos abarrotados de mercadorias, 6 bocas de fogo, cerca de 500 armas e para mais de 36.000 cartuchos carregados. Em Ordem do Dia, após a vitória alcançada, Teixeira Nunes assim se expressou ao agradecer a ação de seus bravos comandados:

“Iguais, se não maiores respeito e consideração, adquiriu o Capitão José Garibaldi, comandante da força naval da República. Em nome da Pátria agradeço-lhe a maneira como desempenhou a parte do plano de ataque que lhe coube executar, fazendo uma jornada de mais de duas léguas por terra (transporte dos lanchões **Seival e Farroupilha**), sendo o primeiro a lançar-se n’água para desencilhar o lanchão Seival, preso ao baixo do Camacho.” ³



Legenda: Foto do verdadeiro lanchão farroupilha Seival, que terminou seus dias mais tarde em Laguna com o nome de Garrafão e de cujo casco imprestável foi retirada uma pequena planta, que foi plantada em praça de Laguna, simbolizando a união de Garibaldi e Anita, os heróis de dois mundos. Teixeira Nunes, ao chegar em Laguna, lançou proclamação vazada nos seguintes termos: “Irmãos catarinenses, empunhai as armas conosco e arrancai a segunda província ao diadema do segundo Pedro: Mostrai porém, que os verdadeiros livres, mesmo no afã da guerra, sabem manter a ordem, obedecer às leis e respeitar a propriedade.”

Talvez o redator de suas proclamações fosse o italiano Luiz Rosseti.

Teixeira Nunes e o ideal federativo

Em seguida, fez chegar aos líderes catarinenses uma carta circular, cujo teor reproduzimos a seguir:

“Proclamando a Independência de Santa Catarina, não penseis que isto afetará os interesses do Brasil, do solo sagrado dos brasileiros, pois que a República Riograndense, conscienciosa de sua dignidade, do espírito da grande maioria dos brasileiros e da honrosa missão que lhe foi confiada, não tem tanto a peito quanto a federação aos estados seus irmãos.”⁴ Não havia a idéia de separatismo e sim República Federativa do Brasil, regime em que vivemos há 114 anos.

Após a derrota de Garibaldi no mar, Teixeira Nunes foi forçado a retrair sob forte pressão de João Fernandes, chefe legalista. Atravessou o canal de Laguna a nado, indo reunir-se com Canabarro, no passo do Camacho.

Havendo discordância sobre operações futuras entre Canabarro e Teixeira Nunes, enquanto o primeiro se dirigiu ao Rio Grande, Teixeira Nunes, convicto de que perdeu uma batalha mas não a guerra, dirigiu-se para o planalto e com ele Garibaldi, agora infante, mais Anita e Rosseti, todos já ligados por laços de amizade.

Derrota da Divisão da Serra

Na margem norte do rio Pelotas, no interior de um mangueirão de pedra, feriu-se um cruento e encarniçado combate que passou à história com o nome de Santa Vitória.

Nele Teixeira Nunes, tendo Garibaldi no comando de sua Infantaria, infligiu pesada derrota na Divisão da Serra ou de São Paulo, ao comando do Brigadeiro Xavier da Cunha.

Após a vitória, reuniu os prisioneiros e para surpresa de todos, os mesmos ouviram de Teixeira Nunes estas palavras:

“Vocês estão livres! Voltem para casa, para cuidarem de suas famílias!

E lá se foram todos de volta para São Paulo e Paraná.

Este combate lhe possibilitou entrar triunfalmente em Lages, vila que encontrou com os cofres raspados e sem administração, o que procurou refazer, bem como a refazer os uniformes de sua tropa, dando contas precisas de tudo aos seus superiores em Caçapava.

Em Lages Teixeira Nunes, agora com o comando militar e político, procurou tratar o povo como amigo, dirigindo a guerra não contra a população, mas contra os defensores do governo. Procurou ignorar atitudes hostis e, habilmente, por todos os meios, conquistar a confiança dos simpatizantes da causa, revelando mais um positivo aspecto militar de sua personalidade.

Visão estratégica

Sobre sua visão política e estratégica, podemos concluir que era muito boa, pelos termos da carta abaixo, em que advogava a manutenção de Santa Catarina e sobretudo de Lages:

"Esta fronteira (Lages), é de primeira importância para nós, seja com respeito ao grande rendimento das tropas de gado, seja porque daqui podemos manter comunicações, não só com a Província de Santa Catarina, como também com a de São Paulo e vigiar, com maior facilidade, os distritos de Vacaria, Cima da Serra e Missões. Logo deve ser este ponto guarnecido por uma força correspondente às infinitas vantagens que o mesmo apresenta."⁵

Combate de Curitiba

Sabendo Teixeira Nunes que uma tropa do Coronel imperial Antônio Albuquerque Mello andava em seu encalço, saiu à procura da mesma na direção de Curitiba, onde se feriu o combate de Marombas. Nele, Teixeira Nunes, após um sucesso inicial, caiu numa emboscada, sendo salvo pela Infantaria de Garibaldi, que o acolheu. Salvou-se da destruição total, ao embrenhar-se numa mata, através da qual atingiu Lages no 5º dia, após indescritíveis sofrimentos no matagal.

Anita Garibaldi extraviou-se neste combate. Sendo presa por Albuquerque Mello, conseguiu empreender uma épica fuga, vindo a se encontrar com a coluna de Teixeira Nunes e com Garibaldi, em Vacaria.

No Rio Grande, Teixeira Nunes, juntamente com Garibaldi e sob o comando de Bento Gonçalves, tomou parte do indeciso combate de Taquari, no qual comandou uma Brigada Ligeira de Cavalaria. Posteriormente, sob o comando de Bento Gonçalves, se destacou no ataque de S. José do Norte, no qual cambateram a seu lado seus velhos amigos de tantas jornadas na república Juliana - Garibaldi e Rosseti. Aí, Teixeira Nunes, já conhecido como “Coronel Gavião”, bateu-se com um denodo sem precedentes, fato reconhecido em Ordem do Dia de Bento Gonçalves. Depois, foi operar para os lados de Bagé. Atacou Jaguarão, em 19 de dezembro de 1843.

Os lanceiros negros de Teixeira Nunes foram, em grande número, recrutados nos municípios atuais de Arroio Grande, Canguçu, Piratini, Pinheiro Machado, Herval, Bagé, Camaquã, São Lourenço do Sul, Pelotas, Pedro Osório, Caçapava e Encruzilhada do Sul.

Ao homem que desfraldou e portou pela primeira vez o pavilhão tricolor da República Rio-Grandense, coube o privilégio de comandar no Rio Grande a última reação armada do ideal republicano farroupilha, em 26 de novembro de 1844. Ideal que não viveu para ver concretizado para todo o Brasil 45 anos após.

Garibaldi recorda Teixeira Nunes

Foi por certo pensando no bravo canguçuense Teixeira Nunes e nos seus bravos lanceiros, com os quais Garibaldi conviveu e padeceu irmanado na longa odisséia desde sua derrota naval em Laguna, até o frustrado ataque a São José do Norte, que o mesmo escreveu em suas Memórias e cartas estes trechos: ⁶

"Os gaúchos rio-grandenses eram homens habituados a todas as privações, e nunca de uma só boca ouvi lamentação de fome e sede; ao contrário, mesmo em tão dolorosa situação, desejavam combater."

"Eu vi batalhas mais disputadas, mas nunca vi em nenhuma parte, homens mais valentes, nem lanceiros mais brilhantes que os da cavalaria rio-grandense, em cujas fileiras comecei a desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada das gentes."

Quando a Europa celebrava Garibaldi como figura mais romântica do mundo, ele se lembraria do canguçuense Teixeira Nunes, seu comandante na retirada da República Juliana.

"E repassando na memória as vicissitudes da minha vida no vosso meio, em 6 anos de atividade de guerra, de constante prática de ações magnânimas como que em delírio exclamo! Onde estão agora esses belicosos filhos do Continente, tão majestosamente intrépidos nos combates? Onde estão Bento Gonçalves, Netto, Canabarro, Teixeira Nunes e tantos valorosos lanceiros que não me lembro!

Que o Rio Grande ateste com uma modesta lápide o sítio em que descansam os seus ossos; e que vossas belíssimas patrícias cubram de flores esses santuários das vossas glórias."

Final de Teixeira Nunes

O final do maior lanceiro farrapo foi assim descrito por seu citado conterrâneo, o tenente farrapo Manoel Alves Caldeira e seu comandado como porta-bandeira no combate de Rio Pardo.⁷

Por ordem de Canabarro, após Porongos, Teixeira Nunes foi acampar no arroio Chasqueiro. Aí foi procurá-lo o Cel Chico Pedro, baseado em Canguçu no comando da Ala Esquerda do Exército de Caxias, em 26 de novembro de 1844.

"Chico Pedro marchava pela estrada real em direção do passo onde se achava Teixeira Nunes - o seu inimigo dos mais temíveis e respeitados...

Chico Pedro, ou Moringue, carregou sobre a pequena força de Teixeira Nunes, que não podendo suportar as cargas foi derrotada e perseguida de morte em morte. O cavalo de Teixeira Nunes foi boleado (atingido por boleadeiras) e assim mesmo Teixeira Nunes, a pé, continuou se defendendo com sua lança.

Mas foi também boleado com a sua célebre lança. E não podendo mais manejá-la, foi rodeado pelos que mais perto o seguiam. Um deles deu um tiro em uma coxa. Nesta ocasião, chegava junto a ele Chico Pedro ao qual disse – Coronel, não me deixa matar. Chico Pedro seguiu e virando a cara para o lado disse: - Não matem o homem. Teixeira tinha feito um sinal de socorro e morreu.

A História do Exército publica alegoria que refere à sua ação comovente e a de seus lanceiros negros em Porongos. ⁸

Tasso Fragoso, ao escrever a sua **História da Revolução Farroupilha**, impressionado com o valor de Teixeira Nunes o classificou "a maior lança farrapa" ⁹. Fernando Osório em **A História do General Osório** o chama de "valente chefe" e Schultz Filho o classifica de "garboso comandante de Lanceiros e o primeiro entre os primeiros na missão arriscada".

Teixeira Nunes foi um dos esquecidos por Alfredo Ferreira Rodrigues no seu **Almanaque Literário e Estatístico do RGS, 1889-1917**. Ao lado do próprio Caldeira, que tão valiosos subsídios forneceu-lhe. Aí falhou a História como instrumento de verdade e justiça.

Acreditamos que fomos pioneiros na abordagem histórica da real e gloriosa dimensão dos 2 Corpos de Lanceiros Negros Farrapos em 1975 na obra **O Negro e descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul, 1635-1975**. Porto Alegre:IEL,1975. Obra 1º prêmio em concurso nacional sobre a contribuição do negro na integração sócio- cultural sul-rio-grandense, no certame de letras do Biênio da Colonização e imigração para o Rio Grande do Sul.

O legendário Coronel Joaquim Teixeira Nunes é patrono de cadeira da Academia Canguçuense de História, onde a sua memória é cultuada, na terra que lhe serviu de berço quando era curato, subordinado à paróquia de Rio Grande.

PS. Os números no texto se referem às notas no livro O Exército farrapo e os seus chefes.

Tenente MANOEL DA SILVA CALDEIRA (1815-1900) **O cronista farrapo**

Existem homens cuja nome e obra se tornam notáveis depois de mortos, quando em vida não despertaram a atenção, não foram avaliados e valorizadas as suas obras, como no caso do maior escritor regionalista gaúcho J. Simões Lopes Neto.

Outro destes homens foi o heróico tenente farrapo Caldeira, que conviveu intimamente com todas as lideranças militares farrapas e graças ao que viu, ouviu, participou, sentiu e memorizou sobre o Decênio Heróico em que atuou ativamente, veio a tornar-se o seu maior cronista e preservador da memória da Revolução, particularmente dos perfis guerreiros que muito bem captou de seus maiores campeões.

Significação histórica

Participou intensamente e de maneira romanesca dos dez anos de Revolução Farroupilha, de soldado a tenente do célebre 1º Corpo de Lanceiros da 1ª Linha do Exército da República Rio-Grandense.¹ Privou ou conviveu com a maior parte das lideranças militares, entre elas Bento Gonçalves. Foi ferido em combate gravemente mas sobreviveu.

Graças ao que viu, participou e sentiu, captou e memorizou sobre o Decênio Heróico, veio tornar-se, segundo interpreto, o seu maior cronista e preservador da memória da Revolução e particularmente do perfil guerreiro que muito bem captou de seus maiores campeões.

Isto por prestar, de 1888 a 98 lúcidos, honestos e detalhados depoimentos escritos, em sua maior parte redigidos em Canguçu, em atendimento a solicitações dos historiadores Alcides Lima, Alfredo Ferreira Rodrigues, Alfredo Varela e Piratinino de Almeida. O último, filho de Domingos José de Almeida, o mineiro de Diamantina que foi o cérebro civil e o maior estadista da República Rio-Grandense.²

Depoimentos que foram incorporados significativamente pelos historiadores pioneiros desta revolução, os mestres Alcides Mendonça Lima e Alfredo Ferreira Rodrigues em seu célebre **Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul**.

Depoimentos fundamentais a todos os historiadores do assunto, desde então, sem esquecer Othelo Rosa, autor de **Vultos da Epopéia Farroupilha**.

Mas em que pese a sua grande projeção histórica como preservador da memória da maior e mais longa guerra civil sul-americana, Caldeira até hoje permanecia em posição obscura que não fazia justiça³ à sua imensa contribuição à memória da Revolução.

Depois de um longo período de obscuridade, ele ressurgiu como fundador e Presidente do 1º Clube Republicano de Canguçu, organizado no 2º Distrito (região de Florida, em 1882),⁴ no posto de tenente-coronel da Guarda Nacional.

Em 1893-94 foi o comandante da Guarda Nacional, encarregado da proteção do Município de Canguçu, para o qual, em 1896, aos 81 anos, foi lançado como um dos candidatos a Intendente. Logo a seguir irá prestar, ainda de Canguçu, seu torrão adotivo, os famosos depoimentos sobre a Revolução Farroupilha. Depoimentos que a cada dia terão maior valor. Os estudiosos aos poucos o elevarão ao local justo que ele deve ocupar, o de –cronista da Epopéia Farrapa.

Naturalidade e descendência

O tenente farrapo Caldeira nasceu na região de Cerro Pelado, que passou a integrar, a partir de 1857, o município de Canguçu. Ali ele e seu irmão José Joaquim Caldeira (Juca Caldeira), possuíam propriedade em 1841. ⁵ Segundo Frei Cristóvão de Vacaria e J. Simões Lopes Netto, ⁶ os Caldeiras e os Bentos, junto com outras famílias foram os fundadores do povoado Estação Cerrito, que pertenceu ao município de Canguçu, até formar, com Olimpo, a cidade de Pedro Osório. Hoje Cerrito é município. Em 1841, Manoel era tenente farrapo e seu irmão, coletor da

República. **7** Os últimos anos de Caldeira ligam-se ao 2º Distrito de Canguçu (Iguatimi, Florida, Posto Branco), onde presumo, tinha residido longo tempo e deixado descendência.

Contribuições à História da Revolução Farrroupilha

Caldeira enviou carta a Alcides Lima de Quaró-Chico, em 21 de novembro de 1888 e três cartas de Canguçu a Alfredo Ferreira Rodrigues, datadas de 25 de janeiro, 20 de setembro e 20 de outubro de 1898, sendo que as duas últimas do 2º Distrito (Florida, Iguatemi).

Estas cartas foram publicadas na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, nº 27, em 1927, em cerca de 100 páginas.

Ao Dr. Alfredo Varela ele enviou cartas de Canguçu, em 13 de setembro de 1894 e em 5 de maio de 1895, durante a Revolução de 93 e em 1º de dezembro de 1898.

Indiretamente chegou às mãos de Varela seus escritos em Pelotas, em 20 de agosto de 1896 e dirigidos ao Dr. Piratinino de Almeida. Todos estes depoimentos, reproduzidos de memória, foram publicados no volume 5 dos **Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul**, 1981, em 170 páginas. Portanto, foram 170 páginas de documentos, que o velho farrapo escreveu que merecem ser lidos pelos estudiosos, pois neles sempre encontrarão novas inspirações. E lhe farão justiça.

Alfredo Ferreira Rodrigues teve conhecimento da existência do velho farrapo, em Canguçu, através de seu colega no Colégio Sul Americano em Pelotas – Genes Gentil Bento, filho de Canguçu e mais tarde seu intendente de 1905-17. **8**

Para mim, a grande contribuição de Caldeira foi captar de maneira precisa e feliz e preservar para a posteridade os perfis militares dos principais líderes farrapos, nos quais baseamos nossos estudos sobre o assunto. Eles são fundamentais para compor o perfil do combatente brasileiro no Sul, **9** assunto de interesse das pesquisas históricas do Estado-Maior do Exército. Não fora Caldeira, a posteridade não teria conhecido o perfil dos campeões farrapos.

Candidato a Intendente de Canguçu

Através de reportagem no jornal **Opinião Pública** de Pelotas, de 28 de maio de 1896, conhecemos mais sobre o maior cronista da república. Dessa reportagem sintetizamos o seguinte: **10**

“O Partido Republicano, guarda avançada da República em Canguçu, reuniu-se ali em 3 de maio de 1896, elegendo sua comissão executiva. Em eleição prévia escolheu para candidato à Intendência de Canguçu o venerando ancião e velho farrapo tenente-coronel Manoel Alves da Silva Caldeira, valente soldado de 35... Trata-se de republicano convicto, companheiro inseparável de Bento Gonçalves e Garibaldi. Ele arrostou corajosamente o decênio da memorável cruzada de 35, cujo atestado traz patente na funda cicatriz que lhe atravessa a fronte... Apesar de contar 81 anos ainda é varonil. Dotado de esclarecida inteligência, honesto e probo, desafiando neste particular a quem quer que seja.

Na Revolução de 93, estando no comando dos patriotas que guarneciam a vila de Canguçu, estava sempre toda a noite e constantemente no quartel com seus camaradas, dormitando sobre dura tarimba, sem pensar nas comodidades da vida. **11** O artigo assinado por Juvenal concluiu com este estímulo a Caldeira: “Avante! Grande patriota e velho farrapo! “

Mas o candidato escolhido em seu lugar pela Comissão Executiva foi Leão dos Santos Terres, em razão da avançada idade do velho farrapo, que representou Canguçu em histórico congresso republicano em Porto Alegre.

Integravam a citada comissão Carlos Noberto e Franklin Moreira, filhos do 1º Escrivão do Ministério do Interior e Justiça da República Rio-Grandense, em 1838, em Piratini – José Ignacio Gonçalves Moreira, genro do presidente da Câmara de Piratini, o legislativo de fato da República Rio Grandense. José Ignacio, bisavô do autor e trisavô de Barbosa Lessa seria em 1857 o primeiro serventário de Justiça de Canguçu. Era irmão de Pedro que, em 1838, fora escrivão do Ministério da Guerra e da Marinha da República Rio-Grandense e ao que consta seriam sobrinhos de Domingos Moreira, Presidente da Câmara de Jaguarão, a primeira a aderir à República Rio-

Grandense. O Grupo republicano em Canguçu, em 1889, possuía raízes na República Rio-Grandense. Foi denominado Grupo dos 27. **12**

Participação resumida

Caldeira em seus apontamentos, conta sua participação na revolução, desde os 20 anos, quando foi preso no sítio de Porto Alegre e enviado ao Rio, onde foi obrigado a sentar praça na Artilharia da Marinha, na ilha das Cobras. Nesta condição, participou da fuga de Fortaleza de Santa Cruz, dos coronéis Onofre Pires e Corte Real, em companhia dos quais retornou ao Rio Grande. De retorno, ingressou como sargento-ajudante no célebre Corpo de Lanceiros Negros, ao comando de seu conterrâneo, o Coronel Joaquim Teixeira Nunes.

No memorável combate de Rio Pardo, ele foi o porta-estandarte do Corpo e cumpriu religiosamente esta ordem de Teixeira Nunes “Onde eu for o estandarte me segue e onde for o estandarte todo o Corpo deve segui-lo”.

Em 3 de janeiro de 1839, Caldeira foi ferido gravemente numa escaramuça. Seu cavalo foi atingido à bala, no peito, e ele no pé e no queixo, que foi quase esfacelado. A língua teve o freio cortado. Mas sobreviveu, apesar de lhe darem dois dias de vida. Foi tratado pelo Dr. José Carlos Pinto, Cirurgião-Mor do Exército Farrapo em Viamão. Noutra ocasião foi ferido à espada, na testa.

A abordagem do velho farrapo canguçuense, como o primeiro cronista militar da Revolução Farroupilha farrapa não se esgota aqui. Acreditamos que muito se falará da sua obra, à semelhança do tenente argentino Cândido Lopes que fixou em pintura primitivista toda a Guerra do Paraguai até a batalha de Curupaiti, onde foi ferido e teve de amputar a mão. Quando iríamos imaginar que o cenário de minha infância e meninice em Canguçu, 1931-44 já havia sido percorrido 50 anos antes pelo velho farrapo—o maior cronista da Revolução Farroupilha.

Nota: Os números se referem a notas ao texto no livro O Exército Farrapo e os seus chefes

O Tenente Caldeira teria inspirado o Blau Nunes de J. Simões Lopes Neto em Contos Gauchescos ?

O Major Ângelo Pires Moreira, é bisneto do simbolista farrapo Bernardo Pires, sócio do IHTRGS, correspondente da AHIMTB em Pelotas e acadêmico da Academia Canguçuense de História onde ocupa a cadeira J. Simões Lopes Neto, de que é um dos biógrafos. Cadeira criada por haver sido Simões Lopes Neto o primeiro historiador de Canguçu, na **Revista nº 4 do Centenário de Pelotas**, em 1912. O Major Ângelo nos forneceu a seguinte pista, que deixo à consideração dos tradicionalistas e historiadores gaúchos. Em seu livro **O Civismo e o Espírito Militar de João Simões Lopes Neto**, do qual nos ocuparemos no **O Gaúcho 16**, assim descreve o Blau Nunes, o interlocutor imaginário de Simões Lopes Neto em seus **Contos gauchescos**:

“Blau Nunes, um gaúcho pobre, guasca de bom porte, mas que só tinha seu cavalo gordo, o facão e as estradas reais, mas de grande experiência militar.

O eleito, desempenado arcabouço de 88 anos, todos os dentes, vista aguda e ouvido fino, mantendo o seu aprumo de furriel farroupilha que foi de Bento Gonçalves e de marinheiro improvisado de Tamandaré, de onde deu baixa.

Nas suas andanças pelo Rio Grande, não poderia haver deixado de passar por São Gabriel, a força rebrilhante que tantas espadas valorosas temperou. Entre o Blau —moço militar- e o Blau —velho paisano - ficou estendida uma longa estrada semeada de recordações.”

Simões Lopes Neto era jornalista em 1898 no Opinião Pública de Pelotas e possivelmente como o pseudônimo.

“O Partido Republicano, guarda avançada da República em Canguçu, reuniu-se ali em 3 de maio de 1896, elegendo sua comissão executiva. Em eleição prévia escolheu para candidato à Intendência de Canguçu o venerando ancião e velho farrapo tenente-coronel Manoel Alves da Silva Caldeira, valente soldado de 35...Trata-se de republicano convicto, companheiro inseparável de Bento Gonçalves e Garibaldi. Ele arrostou corajosamente o decênio da memorável cruzada de 35, cujo atestado traz patente na funda cicatriz que lhe atravessa a fronte... Apesar de contar 81 anos

ainda é varonil. Dotado de esclarecida inteligência, honesto e probo, desafiando neste particular a quem quer que seja.

Na Revolução de 93, estando no comando dos patriotas que guarneciam a vila de Canguçu, estava sempre toda a noite e constantemente no quartel com seus camaradas, dormitando sobre dura tarimba, sem pensar nas comodidades da vida.¹¹ O artigo assinado por Juvenal concluiu com este estímulo a Caldeira: “Avante! Grande patriota e velho farrapo!”

Principais trabalhos do autor sobre a Revolução Farroupilha :

- **Os símbolos do RGS – subsídios para sua revisão histórica, tradicionalista e legal.** Recife:UFPE,1971.
- **A Grande Festa dos lanceiros.** Recife: UFPE,1971.(Aborda a expedição naval e terrestre a Laguna –SC e seus principais personagens).
- Canguçu na Revolução Farroupilha. **in: Canguçu reencontro com a História.** Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro,1983. (Prefácio de Barbosa Lessa).
- Sesquicentenário da Revolução Farroupilha. **Diário Popular,** Pelotas, 20 de setembro de 1985(Edição Especial Histórica ilustrada, feita pelo autor).
- **Porto Alegre- memória dos sítios farrapos e da administração de Caxias.** Brasília: EGGCF,1989.
- **O Exército Farrapo e os seus chefes.** Rio de Janeiro: Bibliex,1971.2v(Aborda a doutrina militar do Exército Farrapo e o perfil de seus principais líderes, depois de explorar arquivo publicado pelo Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul).
- **Piratini, um sagrado símbolo gaúcho e Farrapo.** Resende: IHTRGS/AHIMTB 2.000 (Aborda a projeção histórica de Piratini, a capital farroupilha e de seus distritos Canguçu, Cerrito e Bagé até o Piraí).

O Instituto de História e Tradições do RGS foi fundado em Pelotas em 10 setembro de 1986, como comemoração aos 150 anos do combate do Seival e contou com a presença de grande número de expressivos historiadores gaúchos no auditório da Escola Técnica Federal de Pelotas, tendo realizado diversos encontros nas cidades de Pelotas, São Gabriel, Caçapava, Rio Pardo, Lavras do Sul, São Borja, Santana, Rosário do Sul, Canguçu e do Alegrete, dos quais conserva alentada documentação.

Possui sua sede em Porto Alegre na Avenida João Pessoa junto com a LDN e Associação de veteranos da FEB –RGS e da Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara no RGS da Academia de História Militar Terrestre do Brasil .

Nota: Informativo editado pelo Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, vice presidente do Instituto de História e Tradições do RGS e delegado da AHIMTB no RGS